

BELL HOOKS E ELZA SOARES: A VEZ E A VOZ DA RESISTÊNCIA
[BELL HOOKS AND ELZA SOARES: THE TIME AND THE VOICE OF
RESISTANCE]

Solange COSTA

Professora de Filosofia na UESPI e

Docente do PPGFIL UFPI.

E-mail: solange@phb.uespi.br

Resumo:

O presente trabalho propõe uma possível intersecção entre o pensamento de bell hooks e a música de Elza Soares a partir de uma perspectiva emancipatória para a educação. O texto se concentra na análise de alguns ensinamentos apresentados por bell na obra *Pensamento crítico: sabedoria prática* e a música *Exu nas escolas* de Elza. As duas produções permitem pensar a tarefa docente por um viés transgressor e descolonial, que aproxima a concepção libertadora do ensino à valorização dos saberes ancestrais da cultura negra e latino-americana.

Palavras-chave: bell hooks; Elza Soares; educação; gênero; filosofia.



1

Abstract:

The present paper aims a possible intersection between the thought of bell hooks and the music of Elza Soares from an emancipatory standpoint for education. The text focuses on the analysis of some teachings presented by bell hooks in her *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom* and the song *Exu Nas Escolas* by Elza Soares. The aforementioned productions allow us to think about the teaching task from a transgressive and decolonial perspective, which apposes the liberating concept of teaching to the cherishing of ancestral knowledge of Black and Latin American culture.

Keywords: bell hooks; Elza Soares; education; gender; philosophy.

bell hooks e Elza Soares: a vez e a voz da resistência

Introdução

Esse texto é uma proposta de celebração à vida e obra dessas duas grandes mulheres negras. Mulheres que desafiaram os padrões e encamparam a luta antirracista ao longo de suas diferentes trajetórias. Ambas nos deixaram recentemente, bell em dezembro de 2021 e Elza em janeiro de 2022. Duas potências do pensamento negro foram

perdidas em menos de um mês; no entanto, o legado grandioso de suas produções permanece forte e, mais do que nunca, merecem ser revisitadas.

“Homenagem” geralmente é a primeira palavra que surge quando pensamos em destacar o legado de uma grande autora, contudo, talvez não seja esta a palavra mais adequada para o que se pretende aqui. Primeiro, porque sua origem etimológica advém do francês antigo *homage*, pautada na demonstração de respeito ao senhor feudal pelos seus súditos, o que remonta à hierarquia e à desigualdade de classe que ambas mulheres aqui tematizadas sempre combateram e, segundo, porque se constitui pela palavra *homme* (homem) que vem do latim *homo*, não acolhendo a força do pensamento das mulheres que visamos destacar.

Esse texto pretende, portanto, realizar não uma homenagem, mas uma celebração como presentificação do pensamento dessas mulheres, destacando o entremeio que perpassa suas criações, o tônus que movimentam suas palavras. Nesse sentido, pretendemos adentrar por suas reflexões, pensando com elas e não sobre elas, talvez assim, possamos brindar com mais justeza o que produziram. Em consonância com o que afirma Schuback¹:

Presentear uma pensadora consiste em corresponder à vida de seu pensamento e não em imitar os conteúdos do que ela pensou. Essa correspondência é viva e, por isso, conta com tempo, paciência e espera aprendizes. E isso se intensifica ainda mais quando a pensadora, essa que se busca aqui presentear, tem passado ela mesma a vida a aprender a pensar, assumindo como tarefa radical aprender a pensar o tempo, a paciência, à espera do pensamento. O que ela ensina é, portanto o seu próprio aprendizado, e não pensamentos feitos, palavras consagradas ou máximas repetidas. O que ela ensina é aprender com a experiência, com o real, simplesmente. (SCHUBACK, 1999, p.9-10).

Para alinhavar nosso percurso, elegemos a obra *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* de bell hooks e a música *Exu nas escolas* de Elza Soares, ambas voltadas para pensar a educação como ferramenta de mudança e de valorização da memória da população negra.

A educação nos textos de bell hooks

A obra *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* de bell hooks faz parte da trilogia sobre a educação escrita pela autora entre os anos de 1994 e 2010. A primeira delas,

¹ O texto de Márcia S. C Schuback é o que abre a coletânea da obra *Ensaio de Filosofia*, dedicada ao professor Emmanuel Carneiro Leão. Apresentamos aqui uma citação da autora e organizadora da obra, que consideramos próxima a de nosso intento com esse artigo e, para isso, fizemos uma pequena adaptação do trecho original quanto ao gênero, passando do masculino para o feminino.



Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade aclamada fervorosamente pela crítica, foi produzida em 1994, mas somente publicada no Brasil em 2013. A segunda obra, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, escrita em 2003, foi publicada no nosso país apenas em 2021, por fim, a obra que iremos abordar neste texto, *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*, foi concebida em 2010, mas traduzida para o português somente em agosto de 2020². A lacuna temporal de quase duas décadas que separa a produção dos textos originais pela autora do seu alcance pelo leitor brasileiro demonstra o quanto grande parte do mercado editorial não valoriza adequadamente as produções de mulheres negras³. A própria bell hooks foi aconselhada por seus editores, à época, a não publicar as obras sobre educação pois se desviariam de suas temáticas principais da teoria feminista e crítica cultural. (HADDAD, 2020).

A obra *Ensinando pensamento crítico* é, assim, não apenas um estudo teórico, mas respostas práticas de como proporcionar uma aula que visa descolonizar o pensamento dominante. O livro é composto de 32 ensinamentos apresentados por bell em formato de pequenos ensaios vinculados à sua experiência como docente e à memória afetiva de sua própria formação. Entremeados pelo pensamento de Paulo Freire e sua pedagogia engajada, os ensaios demonstram a ligação indissociável entre o saber e o fazer, entre o pensar e o agir, dentro e fora da sala de aula. Pela leitura, acompanhamos a trajetória de bell hooks, compartilhamos suas inquietações, suas dúvidas e inseguranças, e conhecemos também as situações e obstáculos que uma mulher negra enfrenta cotidianamente em seu caminho. Nessa senda, percorremos também suas bases teóricas e vemos como tudo isso culminou numa pensadora que fez da docência um dos núcleos centrais de suas ideias, o costurando de modo harmônico com todas as outras temáticas. Ser professora não era para ela apenas uma profissão, mas um modo autêntico de fazer a

² Paradoxalmente, a obra chega ao público brasileiro justamente em meio à crise sanitária de COVID-19 que afasta professores e alunos da sala de aula, direcionando-os para o ensino remoto. O pensamento colaborativo, fortemente valorizado pela autora na sua tarefa docente, enfrenta mais um obstáculo: o isolamento e a separação causada pela pandemia que distanciam ainda mais os docentes dos discentes. No entanto, penso que a leitura de bell hooks se torna ainda mais necessária em tempos cinzentos como esse, que requerem de nós um total engajamento, o comprometimento com a verdadeira tarefa de ensinar e aprender que restaura o afeto mesmo dentro do espaço virtual, encurtando distâncias e fomentando relações de estima e cuidado nos lugares mais improváveis.

³ A primeira obra da trilogia foi publicada pela editora Martins Fontes; a segunda e a terceira, pela Elefante. Quanto ao mercado editorial, é importante frisar a importância do surgimento recente de editoras independentes, tais como a Elefante e a Todavía, por exemplo, que privilegiam a publicação de obras frequentemente rejeitadas pelas grandes editoras por não possuírem apelo comercial, mas sobretudo social, político e cultural.



si mesma, pensando e construindo junto com seus alunos um outro mundo possível, muito mais humano e democrático.

O modo como bell inicia o livro a partir de sua própria experiência pessoal, tal como explora também em outras obras, cria um cenário que aproxima emocionalmente o leitor da questão a ser pensada, nesse caso, a definição de pensamento crítico, eixo central de todo o texto. A autora relembra uma foto de infância, na qual olha fascinada para um pequeno livro em formato de pomba que acabara de criar no curso bíblico de férias. A respeito da fotografia (estampada na capa de sua biografia, inclusive), bell comenta:

Com frequência, brinco dizendo que essa fotografia poderia ser intitulada "um retrato de intelectual quando garota" — minha versão de *O pensador*. A menina no retrato olha intensamente para o objeto em suas mãos; sua expressão, um estudo sobre concentração intensa. Observando a fotografia consigo ver a garota pensar. Consigo ver sua mente trabalhando. (hooks, 2020, p. 31).

Ainda que não tenhamos acesso imediato à fotografia descrita, imaginamos a cena do pensamento que se perfaz no olhar deslumbrado da criança pelo livro, visualizamos a ação do próprio pensar, o encantamento que o livro recém criado desperta na fabulação propiciada pelo poder da escrita e da leitura. Ali, naquele momento, surge a pensadora bell hooks e partilhamos com ela desse poder que o pensamento crítico proporciona, qual seja, a capacidade de ver nas situações mais corriqueiras o arrebatamento do acontecimento das ideias. Quando a autora afirma que vemos sua mente trabalhando, ela já aponta o primeiro ensinamento que a sua obra circunscreve - a de que pensar é um movimento ininterrupto pelo saber e que isso está na natureza de todas as pessoas. Como salienta bell:

Pensar é uma ação. Para todas as pessoas que pretendem ser intelectuais, pensamentos são laboratórios onde se vai para formular perguntas e encontrar respostas, o lugar onde se unem visões de teoria e prática. O cerne do pensamento crítico é um anseio por saber — por compreender o funcionamento da vida. (hooks, 2020, p. 31).

Esse é o lugar próprio do pensamento, aquele espontâneo pelo qual a criança desbrava o mundo a sua volta, interrogando-o a cada momento, no entanto, esse apelo é calado ao longo da vida fazendo com que, mais tarde, quando entram nas universidades, já não queiram mais pensar. Nesse sentido, a obra escrita por bell é também um anseio por despertar nos leitores novamente o gosto pela aprendizagem, o desejo erótico e prazeroso que a vontade de saber enceta. Mas esse é um trabalho demorado, que exige do professor um verdadeiro comprometimento com a tarefa do ensino, dado que, nas palavras de bell: "A maioria dos estudantes resiste ao processo do pensamento crítico; ficam mais à vontade



com aprendizado que lhes permite permanecer passivos. O pensamento crítico exige que todos os participantes do processo em sala de aula estejam engajados.” (hooks, 2020, p.35).

Esse é o primeiro ensinamento apresentado no livro. A partir dele, bell alinhava vários outros, como a educação democrática, a pedagogia engajada e a transformação feminista. Ao todo, reiteramos, são 32 possibilidades apresentadas pela autora como forma de incentivar o pensamento crítico. Dentre elas, algumas merecem destaque pois permitem a interlocução com a música de Elza Soares que pretendemos aqui abordar. São elas: a descolonização, a integridade, a conversação e o ato de contar histórias.

Pequenas reflexões sobre a tarefa de ensinar

A educação tradicional se assenta nitidamente sobre um violento processo colonizador, de modo que, é perceptível nas relações que se dão no contexto escolar e universitário a propagação de conteúdos e valores que só dizem respeito a um único segmento social, o da cultura dominante. É evidente que nos últimos anos esse tipo de ideologia sofreu mudanças, graças a um intenso processo de resistência que foi desde sempre perpetrado por aqueles que não se sentem contemplados por um sistema educacional autocrático e excludente, como a população negra e indígena ou aqueles oriundos das classes menos privilegiadas.

Todavia, ainda que as recentes ações afirmativas tenham possibilitado um aumento substancial de pessoas em sala de aula que antes estavam à margem do sistema educacional, e que os currículos tenham adotado conteúdos que tematizam a história afro-brasileira e indígena⁴, mesmo assim, a cultura dominadora e opressiva pregada pelo pensamento colonizador continua a fazer parte do cotidiano escolar. Tal afirmação pode ser notada na forma como esses conteúdos são abordados na prática; nos livros didáticos do ensino básico, por exemplo, aparecem sempre em “boxes” adicionais ou textos suplementares, sendo dificilmente, portanto, o centro da discussão. No ensino superior, os

⁴ A lei 10.639/2003 promulgada pelo então Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva altera a LDB nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Tal mudança também introduz nos calendários escolares o dia 20 de novembro como dia Nacional da Consciência Negra. Mais tarde, em 2008, essa mesma lei sobre modificação (**lei nº 11.645/2008**) com a inclusão do estudo da história e cultura indígena. Tais leis são um importante instrumento de luta contra o racismo dentro do campo educacional.



autores que não fazem parte do cânone (legitimado geralmente por homens, brancos, heteros, cis, classe média, etc.), são sempre relegados a leituras secundárias ou são abordados somente por um ou outro professor, enquanto a grande maioria costuma reproduzir ainda a história tradicional e colonizadora.

A autora bell hooks sustenta que a descolonização da educação é uma necessidade emergencial e que deve se dar continuamente, pois a ideologia dominante (racista, machista e misógina) permanece subtraindo e isolando as diferenças (e os diferentes). Tal compreensão de mundo reacionária ainda se difunde rapidamente nas escolas, nos livros e na vida das pessoas, por isso lutar contra esse sistema de opressões é uma tarefa incessante e que deve ser assumida por todos nós. Segundo bell:

Seríamos todos muito mais bem sucedidos em nossas lutas para acabar com o racismo, machismo e exploração de classe se tivéssemos aprendido que a libertação é um processo contínuo. Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora – poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida –, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para submissão e aquiescência que superam em muito quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e de ser. (hooks, 2020, p. 57).

Por seu caráter estrutural, a mente colonizadora naturaliza as opressões. Portanto, conseguir não apenas fugir dela, mas instigar outras pessoas a se comprometer com essa luta é fundamental para criar uma educação verdadeiramente democrática.

Então, além de descolonizar o currículo da educação básica e superior, faz-se necessário também engajar-se na construção de um ambiente que priorize a participação ativa das pessoas, que privilegie uma formação para a liberdade, oferecendo espaço para várias e diferentes falas. Nesse ambiente, mostra-se importante também conhecer outros autores e autoras, diferentes daqueles clássicos legitimados pela tradição. Não que estes não tenham importância, mas só é possível alimentar um pensamento autônomo se ele tiver acesso a experiências diferenciadas. Nas palavras de Pereira Júnior e Freitas (2020, p. 50): “é necessária uma educação decolonial, mas não meramente como uma aversão à cultura colonizante, mas sim, como um novo viés, uma nova forma de pensar.”

Sobre esse aspecto, bell comenta que no seu próprio processo educativo não teve a oportunidade de conhecer escritores negros e que em sala de aula costumava estudar sempre os mesmos autores, o que impossibilitava os estudantes de conhecer outras perspectivas. Nas palavras da autora:

Lembro-me de, no início do ensino médio perguntar aos professores porque jamais líamos literatura de escritores negros. Disseram-me que não existiam escritores



negros. Quando cheguei à escola com uma lista de escritores negros que meu pai e minha mãe me deram, disseram-me que não se tratava de "grande literatura" e, que era inferior e não merecia ser ensinada. Naquela época, ninguém no sistema educacional questionava como o pensamento supremacista branco moldava o ensino. (hooks, 2020, p. 62).

Não é fácil questionar o pensamento dominante, de fundo racista e misógino, pois ele se propaga insidiosamente através de vários meios que parecem legítimos, criando artifícios de convencimento propalados pela educação, pela mídia, pela família e pela religião. Do mesmo modo que o racismo vai sendo naturalizado na maior parte das esferas sociais, sem que se perceba, o machismo também vai ganhando sustentação, conforme relembra bell a partir de sua própria experiência: "Assim como me disseram no ensino médio que não existiam escritores negros, ensinaram-me durante os anos de graduação, em uma faculdade de elite, que mulheres não poderiam ser 'grandes' escritoras." (hooks, 2020, p. 63). O fato de não estudarmos, ou lermos muito pouco durante nossa formação escritores negros, negras, indígenas e latino-americanos, faz com que pessoas que não se encaixam no "modelo" de autores vigente se sintam desestimulados a escrever. Nas palavras da chicana Anzaldúa:

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que freqüentamos, ou não freqüentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. (ANZALDÚA, 2000, p. 229)

Nesse sentido, a produção teórica de escritores e escritoras fora do circuito acadêmico oficial sofre um duplo entrave. Estes, geralmente não têm acesso ao longo de sua carreira, a obras independentes para que possam nelas se reconhecer e, conseqüentemente, também não conseguem obter estímulo adequado para que possam produzir uma outra visão de mundo, fora do que é habitualmente consumido e desejado pelo público leitor. Escrever dentro desse cenário desfavorável já é, portanto, um processo de resistência.

O exemplo anterior citado por bell mostra que mesmo grandes instituições universitárias demonstram dificuldade de reconhecer a produção de escritores e escritoras negras, tal posicionamento reitera o preconceito, fazendo com que os estudantes acreditem, por conseguinte, que somente os homens (cis, heteros, brancos, europeus) podem se tornar grandes escritores e, para justificar esse preconceito, as referências dos cursos de graduação só privilegiam a escrita desses autores. Esse cenário machista e



racista, que todos nós podemos reconhecer na nossa própria formação, se repete em diversos cursos. Se pensarmos no curso de filosofia, por exemplo, quantas e quais pensadoras são contempladas nas ementas das disciplinas ao longo dos semestres letivos? Geralmente pouquíssimas, o que se restringe normalmente a uma ou duas filósofas, talvez Simone de Beauvoir e Hannah Arendt, mas sem incluir pensadoras brasileiras (como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento e tantas outras), como se essas jamais tivessem existido.

A esse respeito, Chimamanda Adichie destaca sobre o perigo de construirmos uma história única, pois ela tem o poder de nulificar a diversidade, homogeneizar as visões de mundo e ajudar a sedimentar o preconceito. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Nossa vida é permeada pela insistência da história única, é ela que sustenta que não existem escritoras negras, que o povo colonizado sempre foi passivo ou ainda que países latino-americanos tem uma cultura exótica, mas pouco desenvolvida. Uma forma de lutar contra a história única, é assumir o diálogo ao longo do processo educativo. Ouvir outras vozes e lutar para que elas sejam também ouvidas é uma forma de conhecer outros pontos de vistas que excedem o que a história única apresenta. Quanto mais contato tivermos com as outras histórias, principalmente daqueles que estiveram sempre à margem da história oficial, sendo contados, mas não como contadores, então teremos uma visão mais diversificada e inclusiva da vida humana ao longo do tempo. Nas palavras de Adichie:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (...) quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (ADICHIE, 2009, p. 32-33).

Sobre essa mesma temática, bell apresenta no livro quatro ensinamentos que estão inter-relacionados na formação do pensamento crítico, são eles: a conversação, contar histórias, compartilhar histórias e a imaginação. O ato de contar histórias é muito importante para o ser humano, é através delas que ele reconhece o mundo a sua volta e com elas cria sentidos e amplifica seus modos de ser e entender a realidade. Contar histórias faz parte da nossa natureza, mas não como imposição ou fardo, justamente ao contrário, elas nos permitem pensar de modo alternativo, explorando outros modos de perceber as coisas.



“Uma forma poderosa de nos conectar com mundo diverso é ouvindo as diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são o caminho para o saber. Portanto, elas contêm o poder e a arte da possibilidade. Precisamos de mais histórias.” (hooks, 2020, p. 94). As histórias nos permitem, então, pensar sobre perspectivas diferentes daquelas que normalmente utilizamos. Segundo Brah:

O mesmo contexto pode produzir várias “histórias” coletivas diferentes, diferenciando e ligando biografias através de *especificidades contingentes*. Por sua vez, a articulação das práticas culturais dos sujeitos assim constituídos marca “histórias” coletivas contingentes com novos significados variáveis. (BRAH, 2006, p. 362).

Desse modo, antes de proporcionar uma leitura diversa do mundo, em sala de aula, contar uma história, a nossa própria história, promove uma relação empática com o outro. Esse ato de trazer à fala a experiência singular de cada um abre uma ponte de conexão com o outro. Tal vínculo é poderoso, pois ao mesmo tempo que ajuda a reconhecer a identidade daquele que conta, também concede parte dela para que o outro também desfie a sua e, assim, a diversidade espontaneamente apareça. “Uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações.” (hooks, 2020, p. 92).

Entretanto, aprendemos ao longo da nossa formação que a história pessoal não importa para a composição do trabalho acadêmico, que a singularidade deve ser subtraída em função de uma possível neutralidade epistêmica. O pensamento dominador, racista, machista e homofóbico, não admite a sensibilidade em sala de aula, recusa o afeto e a escuta ativa; sobretudo, nega que todo e qualquer pensamento científico, por mais universal e imparcial que possa parecer, nasce sempre a partir de uma história pessoal, da mente de um indivíduo que foi levado, por uma razão particular, a pensar sobre ela. Bell nos ensina o quanto essa lógica esfacela as individualidades e nega o valor daquilo que compõe nossa trajetória.

Compartilhar histórias não é, portanto, apenas conhecer o outro, mas sentir e aprender que diferentes horizontes, além dos nossos e também daqueles massificados pela tradição, são possíveis. O ato de dividir nossas experiências faz com que o saber possa ser aprendido na prática, ultrapassando o conteúdo fixo da ementa. São essas diferentes experiências que dão corporeidades aos saberes, de modo que os assuntos a serem abordados ganham dimensão e profundidade. Nesse espaço, a cientificidade tão laureada



por métodos e procedimentos pré-condicionados recebe, na potência do relato, leveza e autenticidade. E quanto mais esse relato puder trazer outras perspectivas, diferentes das convencionais, mais os saberes se amplificam e adicionam outras cores a uma história que parecia apenas monocromática. Em consonância com essa ideia, afirma Boaventura dos Santos:

Na ecologia dos saberes, enquanto a epistemologia pós-abissal, a busca de credibilidade para os conhecimentos não científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica, simplesmente, a sua utilização contra-hegemônica. Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que se têm tornado visíveis através das epistemologias feministas e pós-coloniais e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não científicos. (SANTOS, 2007, p. 87-88)

Essa é a resistência contra-hegemônica que encontra nos saberes alternativos, a produção de uma nova realidade. Daí a importância da fala, do relato e do ato de contar histórias que destaca o dizer daqueles constantemente calados pelo sistema educacional colonialista: o pensamento feminista, a memória da população negra, a experiência indígena de mundo. Essas histórias mostram que a nossa própria história precisa ser constantemente recontada. Essas falas sempre estiveram presentes, sempre resistiram, sempre criaram outras realidades possíveis, mesmo dentro de um sistema reiteradamente opressivo.

O poder dessa fala não é simplesmente o de possibilitar a resistência à supremacia branca, mas também o de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas – diferentes maneiras de pensar e saber que foram cruciais para a criação de uma visão de mundo contra-hegemônica (hooks, 2013, p. 228).

A produção de bell hooks sobre educação, sobretudo este livro que aqui analisamos, não enfatiza apenas teoricamente a importância de uma formação para a liberdade, que seja de fato emancipatória, mas delineia diferentes práticas que podem ser adotadas em sala de aula com vistas a este fim. Ao longo da obra, a autora utiliza exemplos para abordagem de certas temáticas complexas como o erotismo, o racismo e a vulnerabilidade das emoções. Não utiliza técnicas ou metodologias que se configuram com a prática docente, mas que nascem com ela e a partir dela. Nesse sentido, bell não pensa uma educação possível, hipotética e idealizada, mas real, que emerge de sua própria e singular experiência, isso a ajuda a se conectar com seus alunos e mostrar para seus leitores o fazer docente no momento que ele acontece.



Nessa mesma perspectiva, a autora afirma: “Nunca peço aos estudantes para fazerem em sala de aula um exercício de escrita que eu não esteja disposta a fazer” (hooks, 2020, p.49). Assim, bell desconstrói a estrutura estática da sala de aula e constrói pontes a partir do compartilhamento de sua própria experiência. Ao se deslocar da figura tradicional, hierárquica e autoritária da professora como um transmissora de saber, estabelece um vínculo maior de proximidade com os discentes. Ela conta sua história, revela sua vivência e, na medida que desnuda sua intimidade, permite que os outros também esbocem as deles e o que se entretetece é um trabalho primoroso no qual as individualidades são acolhidas com afeto e sensibilidade.

O último ensinamento da obra se intitula: sabedoria prática. Neste capítulo final, bell retoma o ponto inicial do livro, qual seja, o pensamento crítico, alinhavando de modo harmônico e indissociável o pensamento e a ação. Será nessa toada que afirma:

Ao nos convidar para examinar criticamente nosso mundo, nossa vida, a sabedoria prática nos mostra que todo o aprendizado genuíno exige de nós uma abertura constante, uma disposição de se engajar na invenção e na reinvenção, de forma que possamos descobrir esses espaços de transparência radical onde o conhecimento pode empoderar. (hooks, 2020, p. 280).

Empoderar significa, portanto, abrir-se para uma outra forma de conceber a realidade, adentrando possibilidades alternativas de conhecimento, que incluem as diferenças ao invés de isolá-las. Nesse espaço, a pedagogia verdadeiramente engajada cria, inventa e imagina histórias, mas também as executa na lida com as coisas a nossa volta. Aí então, o pensamento crítico se efetiva como um exercício paciente, mas constante de reinvenção de sentido. Querer e se comprometer com essa tarefa exige da docência romper com a lógica de dominação pela qual a maioria dos professores foram formados, e criar, a partir de seu próprio repertório, novas metodologias voltadas para a prática dos estudantes de forma a valorizar as experiências e o relato como um tipo fundamental e emancipatório de saber.

No próximo tópico abordaremos a vida e obra de Elza Soares, de forma a contextualizar sua produção, para então realizar uma aproximação temática entre o pensamento de bell hooks e a música potente de Elza.

O furacão Elza Soares

Elza Soares, nome artístico de Elza Gomes da Conceição (1930 –2022), foi um fenômeno da música brasileira. Dona de uma voz rouca e impetuosa, impactou com suas



letras e com sua presença de palco toda uma geração. Negra, nascida em uma família muito humilde, composta por dez irmãos, na favela da Moça Bonita, atualmente Vila Vintém, no Rio de Janeiro, teve de lidar desde muito jovem com o machismo e o racismo estrutural. A vida de Elza é cercada, conseqüentemente, por um processo longo de violências e resistências. Aos doze de idade foi obrigada pelo pai a casar-se pela primeira vez, após ter sofrido uma tentativa de abuso sexual por Lourdes Antônio Soares, amigo da família. Ela se tornou mãe aos 13 e passou a se dedicar a isso, mesmo com todas as dificuldades. Dos sete filhos que teve ao longo da vida, perdeu três, sendo que dois, ao que contam os relatos, foram de fome. Se tornou viúva muito jovem e em 1953 fez sua primeira apresentação no palco. Logo na primeira interação, público e apresentador constrangeram aquela menina negra, magra e pequena. Ela estava no palco com uma roupa emprestada da mãe. Um vestido muito maior do que ela. Quando Barroso perguntou “de que planeta você veio, menina?”, Elza foi certa, potente e não abaixou a cabeça: “Do mesmo planeta que o senhor, seu Ary, do planeta fome”.

A trajetória de Elza é de muita luta, contra a pobreza, a fome e o preconceito. Exercendo trabalhos pesados para alimentar os filhos, sofrendo a perseguição da ditadura militar, poucos foram os momentos de trégua. Mesmo as relações amorosas foram normalmente tempestuosas, do casamento com Garrincha, condenado pela sociedade e pela imprensa ao abandonar a família para ficar com a cantora, à tentativa infrutífera de livrá-lo do álcool. Elza sofreu, ao longo da vida, inúmeros tipos de agressões, enfrentou por 16 anos a reprovação social de seu relacionamento e ainda teve de lidar com violências físicas e verbais, traições e crises de ciúmes do craque, de quem se separa somente em 1982.

Quanto a sua carreira, esta é repleta de altos e baixos. Por vários momentos esteve em ascensão, mas também teve que se defrontar com o esquecimento e a rejeição do público. Conhecida como cantora de samba, Elza surpreende em 2002 com o álbum “Do cóccix até o pescoço” pelo experimentalismo musical e a criação de sua *persona* no palco, usando uma estética afrontosa e ousada. Elza cria com a maquiagem e figurino surpreendentes um estilo extremamente original que se reinventará a cada aparição pública. Esse álbum trará a canção “Carne”, que a cantora interpreta mesclando estilos como rap e hip-hop. A música cantada com uma expressividade ímpar configura uma forma de denúncia, que revela às realidades preconceituosas o que a população negra brasileira



sofre. A cantora transmite na sua interpretação musical a força da resistência negra, expondo também de modo visceral, na carne e na pele, as violências históricas racistas pela qual esse grupo passa. A letra é explícita quanto ao engajamento antirracista e à afirmação do orgulho negro. Não há como não se impressionar com a força desses versos no timbre de sua voz.

A carne mais barata do mercado é a carne negra/ Que vai de graça pro presídio/
E para debaixo de plástico/ Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos/ A carne mais barata do mercado é a carne negra/
Que fez e faz história. (SOARES, 2002)

Em 2014 ela passou por uma cirurgia em que precisou colocar 8 pinos na coluna, o que a levaria, anos mais tarde, a se apresentar sempre sentada, imóvel, mas sem perder sua imponência. Em 2015, Elza lança o álbum “A mulher do fim do mundo”, seu primeiro álbum com músicas totalmente originais que recebe diversos prêmios, entre eles o do Grammy Latino e o troféu APC. Em 2018, Elza lança “Deus é mulher”, no qual concorre novamente o Grammy. Seu último álbum, “Planeta Fome” é lançado em 2019, retomando a resposta ácida que deu ao apresentador Ary Barroso no início de sua carreira.

Apesar de todas as dificuldades pelas quais Elza passou, ela continuou se apresentando e gravando novos sucessos, sob a promessa de cantar até morrer. E assim ela o fez até falecer de causas naturais em 20 de janeiro de 2022, aos 91 anos de idade.

Elza e a transgressão libertadora

A música “Exu nas escolas” é uma composição de Kiko Dinucci e Edgar produzida para o álbum de Elza Soares “Deus é mulher”, de 2018. Esse álbum, como é o comum da cantora, apresenta uma coletânea de canções muito críticas e polêmicas, que desafiam questões sociais nevrálgicas: os dogmas religiosos, os papéis sociais de homens e mulheres, o lugar da cultura africana na nossa sociedade. Nesse sentido, “Exu nas escolas”, é um grito, uma convocação para pensar a realidade a partir de outra cosmovisão, a da população negra.

A canção tem uma introdução apenas instrumental, forte e poderosa, mesclando instrumentos de corda (como contrabaixo e guitarra) e de percussão (como atabaque, conga, berimbau e xequerê), que demonstram o vínculo com o a música africana. (PINGO, 2008). A batida eletrônica e o ritmo trazido do rock, rap e funk, introduz a voz potente de Elza que clama por Exu, bradando que este esteja presente nas escolas. A música



reivindica, assim, uma descolonização do currículo, com a entrada de outros saberes de matrizes africanas, negadas pela concepção pedagógica da mente eurocêntrica colonizadora. Esse brado de Elza se aproxima de bell no ensinamento 4, quando afirma: “Ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente e de nossos estudantes” (hooks, 2020, p. 59). A autora fala da importância da educação como uma forma compromissada de contestação das histórias produzidas pela supremacia branca. História esta que rejeita Exu, os saberes, a cultura e a religiosidade dos povos de origem africana que construíram o Brasil.

Exu, dentro do panteão Iorubá (civilização da Nigéria, Benin, Serra Leoa; uma das nações do candomblé no Brasil) é o mensageiro entre o *aiyé* (plano físico) e o *orun* (plano espiritual). Guardião da comunicação entre os homens e os orixás é frequentemente retratado na literatura e no imaginário do homem branco como malévolo e assustador, sendo identificado pelo pensamento colonizador com o diabo cristão. Essa deturpação da figura de Exu em uma entidade demoníaca colaborou para estigmatizar as religiões de matrizes africanas.

Segundo Prandi:

Mas talvez o que o distinga de todos os outros deuses é seu caráter transformador: Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão, romper a norma e promover a mudança. Não é, pois, de se estranhar que seja considerado perigoso e temido, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. (PRANDI, 2001, p. 50).

Mestre das encruzilhadas, não ao acaso, Exu foi sincretizado ao demônio cristão. Sua característica multifacetada e o seu poder de transformação colocam em xeque o pretense controle das convenções sociais determinadas pelo pensamento branco colonizador. Nesse sentido, Exu realmente representa um perigo, uma afronta ao saber hierarquicamente instituído. Por isso, a necessidade de depreciá-lo, de afastá-lo dos currículos e dos lugares onde seu poder de transformação pode questionar os modelos construídos historicamente com base na violência contra a população negra e os povos originários. A escola, a educação não é, portanto, segundo o pensamento dominante, lugar para Exu.



Segundo bell (2020, p. 61-62): “Ao transformar a educação em ferramenta de colonização em massa, a cultura do dominador basicamente transformou a sala de aula em lugar sem integridade”. No entanto, em contraposição ao embranquecimento forçado dos saberes, Elza clama pela importância da introdução de Exu nas escolas e da valorização de sua potência questionadora. Nas palavras de Elza (2018): “Exu no recreio/ Não é Xou da Xuxa/ Exu brasileiro/ Exu nas escolas/ Exu nigeriano/ Exu nas escolas/ E a prova do ano/ É tomar de volta/ A alcunha roubada/ De um deus iorubano”. Tomar de volta a alcunha roubada é reconhecer a relevância dos saberes que não estão no cânone oficial, das vozes que foram caladas durante o processo colonizador, mas que resistiram bravamente, mesmo dentro do sincretismo que condenou suas entidades ao ostracismo.

Após o primeiro refrão forte cantado e repetido por Elza, a música dá seguimento na voz do rapper Edgar, cuja participação especial é marcante pela fala contundente de grande parte da canção. A letra acentua a crítica à educação tradicional, que perpetua a herança colonialista:

Estou vivendo como um mero mortal profissional/ Percebendo que às vezes não dá pra ser didático/ Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes/ Mesmo pisando firme em chão de giz/ De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica/ Presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionada/ E contadas só por quem vence. (SOARES, 2018).

A música denuncia o sistema educativo repetitivo, mecânico, que não se abre para ouvir outras vozes, e mantém firme as “crenças limitantes” legitimadas pela ótica do vencedor, sem sequer dar a conhecer a história de luta e resistência dos povos vencidos. Para conhecer essa outra história, alunos e professores precisam ir para além do usual, quebrando a didática convencional e promovendo o diálogo com diferentes saberes. Em consonância com o pensamento de bell (2020, p. 44): “O futuro da educação democrática será determinado pela dimensão da vitória dos valores democráticos sobre o espírito da oligarquia que busca silenciar vozes diversas, proibir a liberdade de expressão e negar a cidadãos o acesso à educação”. Para conseguir essa mudança é necessário pois, ser mais que um “mero mortal profissional” e assumir a tarefa ininterrupta de uma pedagogia verdadeiramente engajada com os valores democráticos.

Sabemos que não é fácil contrariar todo um sistema fundado na história oficial contada pelos vencedores, que isso requer coragem e ousadia incessante para romper com



as estruturas internas que compõe nossa própria formação. Atitude audaciosa que muitas vezes alija os questionadores, mas também os libertam do fado da educação bancária.

Segundo Paulo Freire, grande patrono da educação brasileira e influenciador do pensamento de bell hooks, a educação bancária não promove o diálogo, mas a mera reprodução descorporeificada dos conteúdos, de modo que “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2005, p. 68). Nesse tipo de modelo educativo o professor visa “depositar” (vem daí a ideia de “bancária”) as informações nas cabeças dos alunos, como se estes fossem recipientes a serem preenchidos. A educação bancária não liberta, e sim oprime, pois não deseja a conscientização dos estudantes. Almeja, na verdade, que corpos de alunos e alunas sejam alienados e sujeitados às suas regras. Prolonga e reforça uma relação vertical e autoritária. Nas palavras de Freire:

A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. ... O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária” [grifos do autor], que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (FREIRE, 2005, p. 78).

A música de Elza também defende um tipo de educação libertadora, que seja capaz de ressignificar Exu, mas não apenas ele, e sim todos os saberes que se mantiveram apenas à margem dos sistemas educacionais brasileiros. A canção destaca também a importância de abordar conhecimentos de outras culturas na parte em que entoa: “Cuide bem do seu *Tcheru*/ Na aula de hoje veremos Exu/ Voando em *tsuru*/ Entre a boca de quem assopra e o nariz de quem recebe o *tsunu*” (SOARES, 2018). Todos os termos dizem respeito a outras culturas,⁵ que poderiam ser tematizadas em sala de aula. Exu talvez seja o símbolo desse elemento integrador, capaz de transitar pelas diferentes perspectivas culturais. Mas há que se ressaltar que Exu é também a metáfora da negação da cultura africana numa sociedade que naturaliza, por exemplo, apenas a presença de símbolos religiosos judaico-cristãos. A maior parte dos espaços públicos de importância política e

⁵ *Tcheru* é o termo egípcio para crânio. *Tsuru* é dobradura em origami que representa a ave japonesa grou. *Tsunu* é uma árvore da qual se usa a casca para fazer o rapé que é utilizado em rituais xamânicos indígenas para purificar a alma e para tratamentos diversos de saúde. O rapé é utilizado por meio de um artefato que se chama tipi, através do qual uma pessoa o sopra no nariz de outra. (MESSIAS, 2016).



social que deveriam ser laicos expõem continuamente objetos religiosos cristãos como, por exemplo, o crucifixo e a Santa Ceia. A insistência desses símbolos na nossa sociedade é tão forte que mesmo “Num país laico/ Temos a imagem de César na cédula e um ‘Deus seja louvado’” (SOARES, 2018), como destaca os versos da canção de Elza, já quase ao final da música. A letra acentua a crítica à cultura opressora do patriarcado cristão que normaliza a crença em uma demonstração de fé em detrimento de outras.

A música “Exu nas escolas” é, portanto, desde a concepção de seu arranjo instrumental, um convite à pluralidade. Ao mesclar instrumentos originados de diferentes países, abarcando as percussões rítmicas que lembram as batidas dos terreiros e os entrelaçando com os ritmos eletrônicos contemporâneos, demonstra que é possível, sim, produzir expressões multiculturais e descolonizadoras. A letra potente e crítica aliada à voz intensa e poderosa de Elza Soares, intercalada com a fala sensata de Edgar, promovem a defesa da cultura afrodiáspórica através de Exu e de toda as entidades e expressões esquecidas pelo pensamento eurocentrado. A música, de modo semelhante aos pensamentos proposto por bell ao longo de suas obras, evoca o pensamento crítico e a necessidade de transpor os muros da escola tradicional. Ela é um grito insurgente que pode ser usado em sala, assim como outros que primam por expandir a consciência dos estudantes. Contar a outra história que valoriza a memória e a resistência dos povos continuamente oprimidos é necessário para formar uma escola que agrega as diferenças ao invés de excluí-las. Segundo bell: “Contar histórias é uma maneira que temos para começar o processo de construção de comunidade em sala de aula.” (hooks, 2020, p. 89). Então, esse ato de doação, de respeito e reconhecimento das outras narrativas consegue fomentar a produção coletiva de uma pedagogia descolonizadora insurgente, capaz de questionar:

[...] as assimetrias vigentes, a colonialidade do poder e do saber: reconhecer e fortalecer o que é próprio; assumir um pensamento próprio, de lá pra cá, experimentar inversões; questionar as identidades e a diferença colonial. A insurgência possibilita a descolonização de si, o que implica novas condições sociais de poder, de saber e de ser. (MIRANDA, RIASCOS, 2016, p. 557).

A música de Elza, assim como a obra de bell, apontam para essa direção, reafirmam a relevância de uma pedagogia descolonizadora e emancipatória, pronta a abordar temáticas negadas pela história oficial. E assim, quem sabe nos aproximaremos mais de Exu e de outras entidades que, com certeza, tem muito ainda a nos ensinar.



Considerações finais

Enquanto produzia esse texto, um pouco hesitante pela aproximação improvável entre bell hooks e Elza Soares, sem saber, Exu se afirmava em outras esferas ao meu redor. No carnaval fora de época, postergado em função da pandemia de COVID-19, realizado agora no mês abril de 2022, a escola de samba Grande Rio vence o desfile das escolas especiais no Rio de Janeiro, homenageando justamente Exu. O texto aqui expresso já estava quase terminado quando assisti fascinada a apresentação da escola de samba, ainda sem saber dessa fortuita coincidência. Apesar da espetacularização televisiva e comercial evidente nesse tipo de apresentação e do apelo capitalista que o carnaval brasileiro evoca, foi surpreendente ver Exu ser libertado em plena Sapucaí e ser exaltado em todas suas diferentes representações. Como se não bastasse essa casual correspondência temática, recebi por WhatsApp no final de abril uma cartilha nomeada justamente “Exu nas escolas” produzida pelo professor da Unilab e Babalorixá, Dr. Linconly Jesus e pelo educador Wilame Júnior (Wiil - jovem esù). O material foi produzido para o “Workshop Exu nas Escolas: práticas pedagógicas decoloniais na formação de professores” realizado em Maracanaú no Ceará, em outubro de 2020. A cartilha não faz referência literal à música de Elza Soares, mas ela pode ter servido de inspiração para sua produção.

Essas ações pontuais mostram que, ainda que tardiamente, começa a se criar uma rede de reconhecimento e de reverência à cultura e à ancestralidade afro-brasileira. No entanto, seria ingênuo pensar que algumas ações esporádicas, mesmo que valorosas e exitosas, podem resolver os séculos de torpor criado pelo modelo de pensamento colonialista e supremacista branco. Como já afirmamos anteriormente, para bell hooks, a libertação é um processo contínuo, cabe a nós, portanto, como pesquisadores e educadores, cotidianamente realizarmos essa tarefa. Nas palavras de bell:

Nós, que trabalhamos em educação, somos especialmente afortunados, porque, individualmente, podemos atuar contra o reforço da cultura do dominador e dos preconceitos com pouca ou nenhuma resistência. Professores universitários têm uma liberdade tremenda em sala de aula. Nossa maior dificuldade é compartilhar conhecimento a partir de um ponto de vista sem preconceito e - ou descolonizado com estudantes que estão tão profundamente envolvidos na cultura do dominador que não se abrem a aprender novas formas de pensar e de saber. (hooks, 2020, p. 57).

Assumir a enorme tarefa de fazer do pensamento crítico uma sabedoria prática, esse é o verdadeiro ensinamento proposto por bell hooks. A autora, na esteira da pedagogia



engajada de Paulo Freire, não dissociava teoria e prática e é justamente essa associação fundamental na escola, capaz de estimular as ideias autônomas dos estudantes no seu dia-a-dia, que os convoca a resgatar as histórias silenciadas a partir da sua própria. A música de Elza Soares pode ser uma grande aliada nesse processo transgressor ao nos convidar a conhecer a voz potente da resistência negra.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In *Revista Estudos Feministas*. Vol. 8, n. 1, 2000, p. 229-235.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, v. 26, p. 329-376, jan-jun.2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

HADDAD, Sérgio. Prefácio à edição brasileira. Paulo Freire e bell hooks: um encontro permanente. In hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática para a liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

MESSIAS, Marcia Biavati. *Transgredindo fronteiras através de conversas do mundo: um diálogo entre bell hooks e Boaventura de Sousa Santos para arranjos contra-hegemônicos de (r)existência*. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

MIRANDA, Claudia; RIASCOS, Fanny Milena Quiñones. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. *Educação em Foco: revista de educação*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Centro Pedagógico, v. 21, n. 3, set./dez. 2016, pp. 545-572.

PEREIRA JÚNIOR, Rogério Gomes; FREITAS, Lúcia Gonçalves. Exu nas escolas: por um ensino decolonial e crítico. *Revista CORALINA*. Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 34-53, jul.,2020.

PINGO, Lisandra Cortes. *Uma análise das múltiplas faces de Exu por meio de canções brasileiras: contribuições para reflexões sobre o ensino da cultura e da história africana*

COSTA, Solange. BELL HOOKS E ELZA SOARES: A VEZ E A VOZ DA RESISTÊNCIA. eK22018



e afro-brasileira na escola.197 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2018.

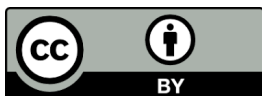
PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 50, p. 46-63, julho/agosto, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In *Novos Estudos CEBRAP*, 79, nov. 2007, pp. 71-94.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Homenagear é preciso. In SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. *Ensaio de Filosofia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

SOARES. Elza. Álbum: *Do cóccix até o pescoço*. 2002.

SOARES. Elza. Álbum: *Deus é mulher*, 2018.



COSTA, Solange. BELL HOOKS E ELZA SOARES: A VEZ E A VOZ DA RESISTÊNCIA. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22018, p. 01-20.

